

LEISHMANIOSE CANINA



A Leishmaniose é causada por um protozoário de nome *Leishmania* spp. que é transmitido ao cão através da picada de um mosquito, o *Phlebotomus*, que é o hospedeiro intermediário deste parasita. Ou seja, o contágio directo de cão para cão não é possível. A única forma de transmissão da doença pressupõe, então, que o mosquito pique um animal infectado e depois então pique um são, inoculando-lhe o protozoário.

Os sintomas observados em cães afectados são muito variados. Os mais frequentes envolvem lesões cutâneas (descamação, úlceras, espessamento da pele e infecções secundárias), mas pode também existir epistáxis (i.e. sangramento pelo nariz), melena (i.e. sangue digerido nas fezes), crescimento exagerado das unhas, perda de peso, etc.

Esta é uma doença sem cura definitiva já que tem carácter recidivante, mas, com o tratamento adequado, o animal pode ficar sem quaisquer sintomas aparentes durante espaços largos de tempo até necessitar de nova dose de tratamento. Ou seja, um cão com diagnóstico de leishmaniose não tem de ser um cão condenado à partida – muitos vivem muito tempo e com qualidade de vida equivalente à de um cão são, desde que, periodicamente, sejam submetidos a tratamento. Uma salvaguarda tem de ser feita: caso a leishmaniose tenha afectado órgãos internos (com mais frequência, os rins), o panorama é diferente. Neste caso o tratamento está contra-indicado e o prognóstico é muito reservado.

No que toca à prevenção, infelizmente, ainda não foi concebida uma vacina para este efeito. A única forma de evitar a leishmaniose é tentar impedir a picada do insecto: por um lado, devem ser evitados os passeios ao amanhecer e entardecer (uma vez que o mosquito voa durante as horas de penumbra). Por outro lado, devem ser usados repelentes de insectos (existem, no mercado vários produtos para este efeito – consulte o seu médico veterinário).

Em relação ao perigo de contágio para o Homem, devemos ter a noção de que de facto ele existe (compreendendo sempre a participação do mosquito intermediário – não é por fazermos festas a um cão ou por levarmos lambidelas dele que vamos ser contagiados!). Mas apenas as pessoas imunodeprimidas (idosos de idade avançada, pessoas com SIDA, a fazer quimioterapia ou sujeitas a transplantes e também crianças muito pequenas) correm verdadeiro risco – pessoas saudáveis são imunes à doença. E é também de destacar que se o animal estiver sob tratamento deixa de ser fonte de contágio, deixando de representar um perigo para a saúde pública.

Dr.ª Alexandra Abreu